

A LINGUAGEM COMO MARCA DA CULTURA REGIONAL¹

Maria do Socorro Silva de Aragão- UFC/SBPL

Introdução

As relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa. Além dessas relações, um outro fator entra em campo para também introduzir dúvidas quanto à linguagem utilizada por um determinado grupo sócio-cultural: é o fator geográfico, regional ou diatópico. Algumas variações, ditas regionais, podem ser, muitas vezes, sociais; se sociais, podem ser relativas aos falantes que têm uma determinada marca diageracional, diagenérica ou mesmo diafásica. Seriam todas essas variações próprias da língua? Condiçionadas pela sociedade? Ou teriam marcas de determinada cultura? São dúvidas e questionamentos que surgem com frequência quando se trabalha com o inter-relacionamento entre língua, sociedade e cultura.

Ao trabalharmos com a etnolingüística, que trata das relações língua-cultura, e com a sociolingüística, que estuda as relações língua-sociedade, vemos que essas ciências têm objetivos bem delimitados, mas têm, também, uma grande área de intersecção.

A língua pode ser vista, analisada ou interpretada sob diferentes ângulos ou aspectos, mas, concordamos com a visão de Fribourg (1978, p. 104), quando diz:

La langue a été vue soit comme conception du monde [...], soit comme révélatrice du mode de vie d'une société et de ses valeurs culturelles, soit comme révélatrice de la structure sociale et des changements survenus au sien de la société, soit enfin comme une structure linguistique em corrélation avec structures de la société.

A etnolingüística, assim, trata dessas relações entre a língua e a cultura na sociedade a que pertencem os seus falantes. Neste contexto é importante dizermos de que cultura estamos falando. Para isso, utilizaremos a definição de Baylon (1991, p. 47) quando diz que “*cultura é o conjunto das práticas e dos comportamentos sociais que são inventados e transmitidos dentro do grupo...*”

Segundo ele, ainda, “*a língua pode revelar os modos de vida e os valores culturais de uma sociedade...*” (p. 50).

¹ SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA - SBPC - 55^a Reunião Anual - Recife - Pe / SOCIEDADE BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LINGÜÍSTICA - SBPL

Simpósio: *O discurso da Identidade e da Diversidade em Culturas Regionais do Brasil: Inserção e Exclusão* - Coordenador: Prof. Dr. Cidmar Teodoro Pais - Participantes: Prof. Dr. Cidmar Teodoro Pais (USP/SBPL) / Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC/SBPL) / Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa Batista de Mesquita (UFPB/SBPL)

Conclui com a definição das tarefas da Etnolingüística:

“Aprender a cultura através da língua, estudar a mensagem através dos dados socioculturais, são as duas tarefas que aparecem nos trabalhos de etnolingüística”. (p. 56)

Deste modo, as relações entre linguagem regional, sociedade e cultura, estudadas pela dialetologia, sociolingüística e etnolingüística, fazem parte de um todo integrado nos estudos lingüísticos.

Se partirmos, como pretendemos, das variantes regionais, no caso, as nordestinas, paraibanas e cearenses, e direcionarmos nosso olhar para a perspectiva cultural desses falares poderemos afirmar que a linguagem utilizada nessas variações, marca ou é marcada pelos aspectos socioculturais que revestem essas realizações.

Em se tratando de falar regional nordestino, o léxico e a fonética são os aspectos onde mais se percebe as diferenças entre esses falares e os de outras regiões brasileiras. Aqui trataremos dos aspectos léxicos dos falares nordestinos, que são uma marca dessa cultura regional.

1 As Relações Entre Léxico, Sociedade e Cultura

Ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas lingüisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados.

No caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.

Segundo Barbosa (1992, p. 1):

... o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores.

Para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-lingüístico-cultural, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos.

Para Biderman (1978, p. 139):

O universo semântico se estrutura em dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico.

O léxico enquanto descrição de uma cultura está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

Os itens lexicais aqui estudados poderão mostrar a diversidade de visões de mundo, e como cada região elabora lexicalmente esse universo.

2 Marcas Regionais no Léxico Cearense

Elaborar dicionários, glossários ou vocabulários regionais/populares não é tarefa das mais simples uma vez que o próprio sentido do que é regional e do que é popular é motivo de controvérsias entre os especialistas da área.

Sem querer entrar em debates sobre o que é ou não regional, para nós o regional é o que tem marca de uma região, a nordestina, por exemplo, ou de um estado, o do Ceará ou o da Paraíba, em nossos *corpora*.

A amostragem dos *corpora* aqui analisada refere-se a dois autores cearenses: Oliveira Paiva e Patativa do Assaré e dois paraibanos: José Américo de Almeida e José Lins do Rego.

2.1 Exemplos em Oliveira Paiva

Os exemplos aqui mostrados são da edição de 1997, da Universidade Federal do Ceará, do romance *Dona Guidinha do Poço*, do jornalista e escritor Oliveira Paiva. A obra foi escrita em 1897, mas apenas em 1952 saiu sua versão integral. Narra a história de um crime passionnal quando sua heroína, Dona Guida, senhora rica e orgulhosa, enfrenta os preconceitos da época ao quebrar as tradições por cometer adultério com um sobrinho do marido.

Escrito em linguagem erudita mas usando a linguagem regional popular quando dá voz a personagens das camadas populares, geralmente analfabetos, somente se tornou conhecido em todo o país a partir da descoberta dos originais feita pela historiadora de Literatura Brasileira Lúcia Miguel Pereira, sendo sua primeira edição publicada logo a seguir.

Fonfança - fanfarronice, papo. “*Todavia, desculpe-se-lhes a fonfança pela tendência natural que temos todos nós...*” (p. 6)

Este termo surgiu provavelmente de uma redução fonética de *fanfarronice*, o que lhe deu, além da facilidade de articulação, maior pomposidade pelo uso dos fomenas / o / e pela nasal / n /.

Abastança - fartura. “*Naquele sertão havia por esse tempo muita abastança, por modo que um grande pecúlio não era lá nenhum desses engodos*”. (p. 11)

Termo já dicionarizado com o mesmo sentido utilizado pelo autor.

Lapear - bater forte, malhar. “...*que voltara a **lapear** o couro molhado, sentado num pedaço de rochedo...*” (p. 16).

Termo dicionarizado como brasileirismo do Norte e Nordeste, com sentido semelhante: *cortar com o chicote ou lapo; chicotear, vergastar.*

Gaitar - apitar. “-*Inhora, não. Mó de que esta noite uvi o novio **gaitá** pra Lagoa?*” (p. 21)

Termo criado a partir de *gaita* e utilizado com sentido semelhante, de apito, gaita. Não se encontra dicionarizado com este sentido.

Capucho - espuma do leite recém-tirado.”*Compadre, despeje esta cuia no pote, e me mande um **capucho**.*” p. 21.

Dicionários de norma padrão registram capucho com sentidos diferentes. Nenhum deles faz referência ao sentido utilizado pelo autor.

Morixaba - mulher malfadada, prostituta.”*Que estava sendo ela então para todo o Ceará, para todo o mundo, que a ruim fama corre mais que o pensamento, senão uma **morixaba**?*” (p. 177)

Termo registrado em apenas um dos dicionários de termos populares do Ceará.

Cocar - tocair, espionar. “*Tocaiou, **cocou**, e às 10 horas, bem escuro, se achou a sós com a designada vítima...*” (p. 185)

Não há registro deste termo em dicionários, sejam regionais, sejam de norma padrão. Parece-nos que foi criado a partir de *cócoras*, *acocorado*, forma nordestina de se ficar quando se está à espreita, escondido.

2.2 Exemplos de Patativa do Assaré

Patativa do Assaré, assim denominado pela comparação que se fez entre ele e uma ave canora típica da região nordestina, especialmente no Cariri, a patativa, foi o nome adotado por Antônio Gonçalves da Silva, maior poeta popular do Ceará e um dos maiores do Nordeste.

Inúmeras são as obras de Patativa, todas utilizando uma linguagem típica da região cearense e nordestina, no seu registro popular, uma vez que o autor também era iletrado, no sentido formal do termo, mas sabia em seus versos, como ninguém, retratar sua região e seu povo.

Alguns exemplos do autor podem nos mostrar o que aqui afirmamos.

Aposento - aposentadoria. Aposentadoria. “*Para fazer seu aposento*”.

Forma apocopada de aposentadoria utilizada pelo autor talvez para rimar.

Bolo de fim de feira - insignificante, sem valor. “*Tão pensando que voto é bolo de fim de feira*”.

A expressão não está registrada, mesmo em dicionários regionais.

Botar curto - fiscalizar. “*Mamãe, a senhora bote bem curto naquele louro*”

Expressão semelhante a *manter as rédeas curtas*, registrada em dicionários regionais nordestinos.

Comprar cartilha pra outro ler - ser enganado, traído. “*Só porque meu casamento foi triste e foi azalado, foi mesmo que eu ter comprado cartia pra outro ler*”.

Expressão semelhante a *fazer a barba de alguém*, registrada em dicionários regionais do Ceará.

Levada - artimanha. “*Mas ele tem as levadas de um caboco valentão*”.

Palavra registrada em dicionários eruditos porém como adjetivo: *criança levada* é criança travessa, traquinas, cheia de artimanhas.

3 Marcas Regionais no Léxico Paraibano

O estudo do léxico paraibano tem sido feito a partir de autores paraibanos que, mesmo escrevendo no registro culto, utilizam em suas obras a linguagem regional popular, na boca de seus personagens não cultos. Os exemplos aqui mostrados foram tirados das obras de José Américo de Almeida e de José Lins do Rego, alguns deles registrados no dicionário de Horácio Almeida e no glossário de Leon Clerot. Todos eles retratam em suas obras, e em seu léxico, a cultura e a sociedade paraibanas.

3.1 Exemplos em José Américo de Almeida

José Américo de Almeida, escritor e homem público paraibano, tem como sua mais importante obra de ficção **A Bagaceira** que, no dizer de Jackson de Figueiredo “...é o poema do sertão nordestino, ou melhor, o poema da humana vaga sertaneja, em seu perpétuo rolar do sertão definido, heróico e idílico, às terras mestiças, sensuais, dispersivas, cruéis, e sentimentais, que se abeiram da inconstância do mar”. FIGUEIREDO (1977, p.41).

Falar de **A Bagaceira**, do ponto de vista lingüístico, é falar, além do erudito, do regional, do popular, da cultura e da sociedade paraibana e nordestina como um todo. Os personagens de **A Bagaceira** têm, em sua linguagem, as marcas socioculturais que a

distinguem dos demais falares regionais brasileiros. Os termos e expressões utilizados, na maior parte das vezes são de uso quase que exclusivo do falar paraibano. Vejamos alguns exemplos:

Acatitar os olhos - arregalar, fixando os olhos. “*Acatitou os olhos e escumava, como juá*”.

Expressão registrada apenas por Horácio Almeida na variante *encatitar*.

Andar de capas encouradas - disfarçado, dissimulado, mascarado. “*Há gente que anda de capas encouradas; quando menos se pensa. Bota as mangas de fora..*”.

Nenhum dos dicionários consultados registra esta forma.

Brote - bolacha grande e dura. “*Deitavam-se a elas nos fundos das bodegas por um rabo de bacalhau ou um brote duro*”.

O termo brote foi introduzido no vocabulário nordestino numa adaptação da palavra holandesa *brood* (pão), durante o período da dominação holandesa no nordeste. Apenas Horácio Almeida registra o termo, mas com outro sentido.

Celé - atordoado, estonteado. “*Caiu ciscando, ficou celé*”.

Dos dicionários consultados apenas Horácio Almeida registra. Os demais não registram o termo.

Chumbergada - pancada, açoitamento, golpe dirigido contra uma pessoa ou animal. “*Arrochei-lhe outra chumbergada*”.

Dos dicionários consultados apenas Horácio Almeida registra. Os demais não registram o termo.

3.2 Exemplos em José Lins do Rego

José Lins do Rego, um dos mais importantes escritores paraibanos e nacionais, tem uma obra multifacetada que abrange do romance às memórias, passando pelos relatos de viagens, crônicas e literatura infantil. José Lins em suas obras de ficção usou a palavra de forma precisa e artística, nos seus níveis e registros e nas suas variações regionais, a partir do perfeito domínio da norma culta padrão.

A temática, a estrutura literária e a linguagem de suas obras caracterizam, com rara precisão, o nosso povo, seu falar, costumes, crenças e tradições, e seu modo de ser, viver, pensar e agir, dentro do seu universo sócio-lingüístico-cultural. Sua linguagem popular se manifesta, basicamente, no léxico, com um vocabulário de palavras e expressões regionais/populares.

Bicha - 1. qualquer objeto que, pelo seu feitio ou seu movimento, dá idéia de um réptil; designação de qualquer coisa material. “*Quem via de longe, pensava que era só soltar a jangada com o terral, deixar a **bicha** correr de vela aberta...* 2. termo depreciativo de mulher, prostituta. *É mentira daquela **bicha** senvergonha*”.

Nos dicionários consultados não há estas acepções de bicha, apenas Horácio Almeida registra o sentido de prostituta.

Corumbá - sertanejo que emigra para os brejos acossados pela seca. “... *e logo que for tempo embarca com os **corumbás** para o sul*”.

Dos dicionários consultados, apenas os paraibanos de Horácio Almeida e Leon Clerot registram o termo, com a variante *curumba*.

Da Silva - locução enfática usada imediatamente após um adjetivo no diminutivo significando: inteiramente, de todo, muito, totalmente. “*Nada, D. Olegária, inteirinho da silva. E alegre da vida*”.

Descatembada - desvirginada. “*Tinha ainda viva uma moça, mas estava **descatembada**. A volante tinha feito um serviço de cangaceiro*”.

Apenas Horácio Almeida registra o termo, porém com sentido diferente.

Estar de Novilho - Estar com amante jovem. “*A velha está de novilho*”.

Nenhum dos dicionários consultados registra esta expressão.

4 Considerações Finais

A análise dos exemplos aqui apresentados mostra-nos, de forma clara, as relações existentes entre a língua, a sociedade e a cultura, reforçando, contudo, que a língua é o elo de ligação entre elas, por se reportar igualmente à sociedade e à cultura.

A visão de mundo, as crenças, as ideologias e as formas de expressão dessa sociedade com sua cultura são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, tornando evidente que a língua representa e guarda as marcas sociais e culturais daquela comunidade que a utiliza.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. **A Linguagem Regional Popular na Obra de Patativa do Assaré**: aspectos fonéticos e lexicais. Fortaleza: 1997. Dissertação (mestrado) UFC.

ALMEIDA, Horácio de. **Dicionário popular paraibano**. Campina Grande: Grafset, 1984.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. A variação diastrática do português do Brasil. II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. **Livro de Resumos**. Fortaleza: UFC/ABRALIN, 2001.

_____. A variação fonético-lexical em atlas lingüísticos do nordeste. **Revista do GELNE**, v. 2, p. 14-20. Fortaleza: UFC, 1999.

_____. **A linguagem regional-popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: FUNESC, 1990.

_____. O estudo da linguagem popular – Atlas Lingüístico da Paraíba. **BOLETIM DA ABRALIN**, v.4, p. 67-80. Recife: UFPE, 1983.

_____ et al. **Glossário aumentado e comentado de a Bagaceira**. João Pessoa: A União, 1984.

BARBOSA, M. Aparecida. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. **Anais**. Assis; UNESP, 1993.

BAYLON, C. **Sociolinguistique: société, langue et discours**. Paris: Nathan, 1991.

BIDERMAN, M. Tereza. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 133.

CABRAL, Tomé. **Dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: UFC, 1982.

CARVALHO, Gilmar. **Patativa do Assaré**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

CHAMBERS, J. K. ; TRUDGILL, A. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CLEROT, L.F.R. **Vocabulário de tēmos populares e gíria da Paraíba: Estudo de glotologia e semântica paraibana**. Rio de Janeiro: s.ed. 1959.

FERREIRA, A. Buarque de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FISHMAN, Josua A. **Sociolinguistique**. Paris: Nathan, 1971.

FRIBOURG, J. Vers l'ethnolinguistique. **La Linguistique**, v. 14, fasc. 2, 1978.

GADELHA, Marcus. **Dicionário de cearês**. Fortaleza: Multigraf, 1999.

GARCIA, Tarcísio. **Dicionário do cearês: as palavras, as expressões e como usá-las.** Fortaleza: Livro Técnico.2000.

GARMADI, Juliette. **Introdução à sociolingüística.** Lisboa: Dom Quixote, 1983.

GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUDSON, R.A. **Sociolinguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

INÁCIO FILHO, José. **Vocabulário de termos populares do Ceará: etimologia e tradições.** Fortaleza: Livro Técnico, 2001.

LACERDA, Josenira. **O linguajar cearense.** Fortaleza: Livro Técnico, 2001.

MONTEIRO, José L. **Para compreender Labov.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MORALES, Humberto L. **Sociolingüística.** Madrid: Gredos, 1993.

MOTA Leonardo. **Adagiário brasileiro.** Fortaleza: UFC, 1982.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. ;ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Campo Grande: UFMS, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria P.P. de;ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.** Campo Grande: UFMS, 1998, p. 107-113.

PAIVA, Oliveira. **Dona Guidinha do Poço.** Fortaleza: UFC, 1997.

PEREIRA, Lúcia M.**História da literatura brasileira.** São Paulo:

PISCIOTA, Harumi. O lexical nos eixos vertical e horizontal. In: AGUILERA, Vanderci (Org.) **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas.** Londrina: UEL, 1998, p. 243-249.

PONTES, Carlos G. **Super dicionário de cearês.** Fortaleza: Livro Técnico, 2000.

SARAIVA, Andréa. **Orélio cearense.** Fortaleza: Premium/Livro Técnico, 1998.

SCARTON, G. ; MARQUARDT, L.L. O princípio da variação lingüística e suas implicações numa política para o idioma. **Boletim do Gabinete Português de Leitura.** Porto Alegre: (24):21-31, jun. 1981.

SERAINÉ, Florival. **Dicionário de termos populares:** registrados no Ceará. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

WARDHAUGH, R. **An introduction to sociolinguistics.** Oxford/Cambridge: Blackwell, 1992, p. 46.